CATONIO, Angela Cristina Dias do Rego; MUNIZ, Marielle Rizzo. O lúdico como estímulo à leitura e à escrita: um estudo sobre o projeto de extensão Almanaque. Revista Diálogos: Extensão e Aprendizagem: tempos e espaços,

Brasília, v.19, n.1, dez 2014. Disponível em: < https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/5237>. Acesso em 15/03/2022.

BOLOGNESI, Priscila Maria Sbizera. Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos aos processos de reflexão. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05062012115930/publico/PRISCILA_MARIA_SBIZERA_BOLOGNESI.pdf >. Acesso em 04/03/2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. PESPECTIVA. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, Janeiro de 1994, p. 105-128. Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/especial/10.pdf>. Acesso em: 10/03/2022.

OLIVEIRA, Carla Mendes de; DIAS, Adiclecio, Ferreira. A Criança e a Importância do Lúdico na Educação. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 01, Vol. 13, pp. 113-128 Janeiro de 2017. ISSN:24480959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/ludicona-educacao>. Acesso em 08/03/2022.

SILVA, Fabiana Fernandes. A vivência lúdica na prática da educação infantil: dificuldades e possibilidades expressas no corpo da professora. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos

Socioeducativos e Práticas Escolares) – Universidade Federal de São João del-Rei,

2011. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-

repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Fabiana%20Fernandes%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 12/03/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa. SEE/MEC, 1997. vol. 2.

COMO FACILITAR O ENSINO-APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

IVANILDO FRANCISCO DA SILVA

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar como facilitar o ensino-aprendizagem da Matemática na Educação Infantil.

A matemática, atualmente, tem sido fundamental na sociedade, por isso há uma grande necessidade de trabalhar com essa disciplina em sala de aula desde os primeiros anos escolares, evitando assim que, futuramente, se torne uma matéria difícil e impossível de ser aprendida, na visão dos alunos, ao longo de sua vida escolar.

Diante dessa necessidade cabe aos professores procurarem uma maneira de facilitar o ensino-aprendizagem da matemática para que as crianças sejam preparadas de maneira mais objetiva para estudos futuros.

Palavras chave: Ensino, Aprendizagem, Matemática.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade está passando por grandes mudanças e este processo prioriza o conhecimento para uma atuação profissional mais autônoma, a escola, que é socialmente determinada, deverá também sofrer alterações em seu processo educativo.

Sabe-se que não há mais espaço para uma educação voltada para a simples transmissão da informação e instrução de tarefas onde as crianças executam, mecanicamente, de forma descontextualizada de seu cotidiano.

Segundo Valente, 1999, pag. 31 “a educação não pode ser mais baseada em um fazer descompromissado, de realizar tarefas e chegar a um resultado igual à resposta que se encontra no final do livro texto, mas do fazer que leva ao compreender, segundo a visão piagetiana”.

Dentro deste contexto faz-se necessário que a escola repense um novo paradigma educacional, pois o antigo não parece estar conseguindo lidar com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, portanto a escola deve oferecer recursos variados para ajudar a criança a elaborar e construir seu conhecimento respeitando, contudo, as características individuais de aprendizagem das crianças.

A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR, ALUNO E CONTEÚDO

A relação entre professor-aluno e conteúdos precisa ser dinâmica; por isso a atividade de ensino necessita ser um processo coordenado de ações docentes, organizadas com todo cuidado possível, levando em conta, durante as aulas, as reais necessidades dos seus educandos nos diferentes tipos de

ambiente nos quais estão inseridos.

Segundo os PCNs:

O professor para desempenhar o seu papel de mediador entre o conhecimento matemático e o aluno ele precisa ter um sólido conhecimento dos conceitos e procedimentos dessa área e uma concepção de matemática como ciência que não trata de verdades infalíveis e imutáveis, mas como ciência dinâmica sempre aberta à incorporação de novos conhecimentos. (PCN, 2001, pág. 36)

De acordo com Freire (1997) "A rotina diária da sala de aula está repleta de acontecimentos significativos, tanto na vida do professor quanto na do aluno. Entre tantos acontecimentos, as manifestações de afeto, muitas vezes presentes na relação do educador com o educando, podem contribuir no aprendizado do aluno e até mesmo na evolução do professor como educador, um sujeito que tem um papel de extrema importância na sociedade em que estamos inseridos".

Constata-se que o fator afetivo é essencial à aquisição do conhecimento, principalmente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, uma vez que nessa idade, a criança está se desenvolvendo e construindo sua mentalidade enquanto sujeito. Por isso, para que os alunos tenham um melhor aproveitamento escolar é indispensável o esforço do professor para que haja um bom relacionamento de ambos. Dessa forma, a afetividade surge como um componente fundamental no alcance de uma boa interação.

Sobre afetividade, Sarnoski diz:

[...] um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações [...] tal estado é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Faz-se presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todas as esferas de nossa vida. [...]. (SARNOSKI, 2014, p.03)

Assim sendo, se o aluno não nutrir sentimentos positivos, pelo ambiente escolar, ou seja, tiver vontade de estar ali, de adquirir conhecimento e sanar as dificuldades, ele comprometerá seu desenvolvimento afetivo e cognitivo, porque esses aspectos estão intimamente interligados. Consequentemente, é essencial que haja no ambiente de estudo, a presença de sentimentos afetivos entre professor e alunos.

Para Miranda:

[...] o fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois por meio das relações afetivas o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos que ajudarão no seu desempenho escolar. (MIRANDA, 2008, p.02)

É imprescindível que o pedagogo vá de encontro ao universo da criança para que ela se sinta interessada a descobrir novos saberes. Naturalmente a criança será sincera em demonstrar desinteresse e falta de vontade, por isso, é importante, que o docente saiba agir nas diversas situações em sala de aula, no intuito de conceber no íntimo da criança a existência de um elo afetivo baseada no carinho, na confiança e no respeito.

[...] a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano. (SARMENTO, 2010, p.14)

É importante que o educador esteja preparado para assumir uma postura amigável e receptiva para com seus alunos, fazendo com que eles sintam vontade de permanecer em um local afetuoso, propício para o desenvolvimento cognitivo. Esse ambiente fará com que se sintam estimulados e interessados em aprender, evitando a indisciplina que dificultará o bom andamento das aulas.

A indisciplina é um dos principais problemas existentes na educação, e os atos indisciplinares são um fator que dificultam a construção de vínculos com os discentes, podendo influenciar no modo como se estabelece o convívio entre professor e aluno.

Segundo Aquino (1996, p.53) "[...] Horror pedagógico, a indisciplina é representada também como um desvio de conduta que [...] deve ser submetido a uma ação corretiva implacável para que não se alastre (o tumulto)".

Quando um aluno não gosta de seu professor, não desperta o interesse pelo conteúdo, nem tampouco pela escola. No caso de um aluno indisciplinado, a indiferença ao professor, o motiva a fazer de tudo para não aprender, no intuito de desafiar o educador.

Os episódios de indisciplina requerem preparo e firmeza do educador, em razão de que não se resolvem rapidamente, por isso é preciso calma e um intenso trabalho diário com o aluno; em busca de um vínculo afetivo que atuará como ferramenta primordial na transformação do discente afastado. Por esta razão,

A afetividade desperta a confiança do aluno para com o seu professor. Neste sentido, constata-se que a afetividade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois, todo o processo do desenvolvimento humano passa pelo aspecto social juntamente com a cognição [...]. (KOSLOSKI e ANSAI, 2008, p.11)

Geralmente, como aponta Morales (1998), "os discentes que se encontram desmotivados e indisciplinados, recebem críticas e mais desmotivações por parte do educa-

dor. Isto se configura como um aspecto negativo na relação professor-aluno, uma vez que a estes alunos 'difíceis', deve ser dada mais atenção, visto que a indiferença os torna ainda mais distantes, o que não soluciona o problema. É preciso transmitir-lhes apoio e confiança para que possam sentir-se capazes, e não apenas como aqueles só provocam bagunça".

Infelizmente, não há uma receita pronta para a não existência da indisciplina. Não se pode esquecer que ela é produto de outros fatos distintos (como problemas familiares, dificuldades de aprendizagem etc.), os quais demandam estudo e busca de soluções pelo educador. Cabe ao professor descobrir a origem desses fatos para poder ajudar seus alunos em relação ao ensino-aprendizagem.

Uma das maneiras de se estabelecer com o aluno um contato inicial harmonioso é a utilização do contrato didático no início do ano letivo. O chamado contrato didático como nos diz Soligo:

"[...] representa o conjunto de condutas específicas que os alunos esperam dos professores e que estes esperam dos alunos, e que regulam o funcionamento da aula e as relações professor-alunoconhecimento." (SOLIGO, 2001, p. 06).

O estabelecimento de um acordo, trará ao aluno a imagem de um educador comprometido com ele e com a aprendizagem, já para o professor define-se como um estímulo para a concretização dos objetivos. Desta maneira, alunos e professores terão um referencial de condutas, que pode ser consultado e/ou lembrado sempre que ocorrer conflitos em sala de aula.

Evidentemente, educar os alunos das primeiras etapas escolares é uma tarefa para os docentes que se preocupam na formação global do educando e não, apenas na formação parcial, obtida em sala de aula. É necessário demonstrações de carinho, bem como a afetividade nas palavras ditas pelo professor, pois isso resultará em simpatia referente ao conteúdo apresentado e, consequentemente, prazer em aprender algo novo.

Freire (1996, p. 96) afirma que: "O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas".

De acordo com Zabala (1998), "o professor precisa ter conhecimento rigoroso da importância de sua tarefa na sociedade, definir o princípio se a escola deve ou não promover a formação integral dos meninos e meninas, esta visão do professor, é a chave para determinar qualquer atuação educacional. Sendo que é preciso entender que educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs que não estão parcelados em compartimentos estanques e em capacidades isoladas".

Através do conhecimento que o docente tem de seus alunos ficará mais fácil entender o tempo de aprendizagem de cada um, pois sabemos que cada criança tem seu tempo próprio de absorção do conhecimento, assim como qualquer indivíduo, por isso é essencial conhecer cada aluno, a fim de que possa buscar métodos adequados para auxiliá-lo em suas dificuldades.

Um outro ponto a se melhorar no vínculo educativo é a avaliação, pelo docente, do modo em que ele possibilita o desenvolvimento da autonomia do aluno em aprender. Assim,

[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p.66)

Além desses pontos expostos acima, destacamos a dependência família-alunoescola. Em um mundo tão corrido e apressado como o atual, onde os pais estão cada vez mais preocupados com o trabalho e esquecendo-se dos filhos, não é raro encontrar crianças que tendem a suprir a figura materna e/ou paterna em seus educadores, pelo fato de enxergarem neles, atitudes que faltam em seus progenitores.

A escola não tem condições de suprir todas as carências existentes na formação educacional e cultural dos seus alunos. É claro que se deve exigir professores qualificados e acima de tudo preparados para realidade atual. Todavia, deve-se compreender que o papel da família também é imprescindível no processo ensino-aprendizagem. [...] (RAASCH, 1999, p.04)

Assim sendo, mais que repassar valores, os professores devem estar aptos a enfrentarem os reflexos desta falta de cuidados, em razão de que, querendo ou não, esta negligência interfere no espaço educativo, provavelmente de forma negativa.

Em consequência disso, o educador é, depois da família, o principal responsável pela educação dos menores, cabendo-lhe trabalhar individualmente por cada aluno, e não o tratando como apenas outro educando que está ali para completar o número na chamada.

Evidentemente, o educador não tem o dever de assumir papéis familiares. Entretanto, o que se vê, é que frequentemente este profissional assume a postura que deveria ser realizada por pais e/ou responsáveis, aos quais por variados motivos esquivam-se de

tal obrigação. Por isso, em casos como este, uma simples palavra de carinho e/ou consideração pode fazer o discente sentir-se valorizado por alguém.

Certamente, o bom relacionamento, entre professores e alunos, oportunizará uma melhor convivência em sala de aula. No início do ensino fundamental essa interação influenciará, consideravelmente, na trajetória escolar dessas crianças, pois é nessa fase que elas estão adquirindo valores e conhecimentos sobre os assuntos da escola e do mundo.

A matemática na educação infantil

Sabemos que a matemática está presente diariamente em nossa vida e com a criança não é diferente, por exemplo, enquanto a criança brinca ela usa a matemática, pois mede distância, diferencia o pesado do leve, também desenvolve conceitos espaciais como acima e embaixo, fora e dentro, frente e atrás.

A matemática precisa ser ensinada, às crianças, como um meio de interpretação das coisas que nos rodeiam cotidianamente, assim formando pessoas conscientes para a cidadania e a criatividade e não somente como memorização.

Existem diversas formas de trabalhar a matemática na Educação Infantil, afinal ela está presente na arte, na música, em histórias, na forma de como organizamos o pensamento, nas brincadeiras e nos jogos.

O professor não deve esquecer que a criança é um ser em formação, por isso, deve sempre tomar o cuidado para que essa formação seja sempre natural e com mais possibilidades possíveis para a criança.

"Na Educação Infantil, o trabalho com noções matemáticas deve atender, por um lado, às necessidades da própria criança de construir conhecimentos que incidam nos mais variados domínios do pensamento e, por outro, precisa corresponder a uma necessidade social de melhor instrumentalizá-la para viver, participar e compreender um mundo que exige diferentes conhecimentos e habilidades".

(VIRGULINO, 2014, pag. 78)

O educador deve lembrar que ensinar a matemática na Educação Infantil é importante porque a criança trabalhará com algo que ela realmente irá usar fora da escola, ou seja, vai conviver o resto da vida.

Ruiz (2002, p.218), por sua vez, discute a necessidade mundana da

Matemática à luz do cognitivismo piagetiano: "Piaget identifica a matemática como uma espécie de interface entre o espírito humano e o mundo, sendo um instrumentochave no intercâmbio entre sujeito e universo. Aprender matemática é adquirir ferramentas cognitivas para atuar sobre a realidade. Para ele, existe o caráter de continuidade entre as estruturas lógico-matemáticas espontâneas do pensamento infantil e os edifícios formais construídos pelos matemáticos".

Durante a educação infantil os conteúdos matemáticos devem ser trabalhados permitindo à criança construir conceitos de forma livre, através de brincadeiras, atividades lúdicas, fazendo com que ela participe ativamente para que desperte sua curiosidade.

Aprender matemática não é só aprender uma linguagem, é adquirir também modos de ação que possibilitem lidar com outros conhecimentos necessários à sua satisfação, às necessidades de natureza integrativas, com o objetivo de construção de solução de problemas tanto do indivíduo quanto do coletivo (MOURA, 2007, p. 62).

Lorenzato (2008, p. 1) afirma que: "A exploração matemática pode ser um bom caminho para favorecer o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança. Do ponto de vista do conteúdo matemático, a exploração matemática nada mais é do que a primeira aproximação das crianças, intencional e direcionada, ao mundo das formas e das quantidades".

Na educação infantil, a matemática, busca desenvolver um caráter integrador, proporcionando atividades que desenvolvem a autonomia da criança, explora seus conhecimentos prévios e mantem seu espírito divertido através de jogos e brincadeiras.

Ensinar as pessoas a resolverem problemas é um dos vários objetivos da matemática, com as crianças essas situações-problemas são representadas pelos jogos, por isso trabalhar a matemática de forma lúdica na educação infantil fará com que as crianças sintam maior prazer em aprender, pois as brincadeiras e os jogos fazem com que elas se envolvam com a matemática de forma mais prazerosa.

A importância do lúdico no ensino de matemática

Na educação infantil a atenção das crianças se dispersa muito facilmente pois, ainda estão desenvolvendo essa capacidade, nesse caso as brincadeiras auxiliam no ensino da matemática com os pequenos, porque elas se sentem atraídas pelas atividades que são voltadas para o seu mundo.

Indubitavelmente, o jogo é um ótimo instrumento para o professor trabalhar a matemática com as crianças, porém deve ter noção dos conteúdos e das habilidades que estão presentes nas brincadeiras, devendo estar preparados para utilizar esse instrumento de ensino tornando as aulas produtivas.

Atualmente, está mais comum o ensino através do lúdico, o que antes era ensinado de forma que, muitas vezes, não fazia sentido para as crianças hoje está sendo ensinado por meio de jogos e brincadeiras educativas. Na Educação Infantil é através de jogos e brincadeiras que se estimula a criança a desenvolver seu interesse e atenção fazendo isso de modo significativo.

Utilizar o jogo na Educação Infantil significa transportar para o campo de ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora (RCNEI, 1998, p. 37).

A ludicidade no ensino da matemática, na Educação Infantil, além de dinâmico, faz com que os alunos sintam maior prazer em aprender, pois eles se identificam bastante com as brincadeiras e jogos, isso faz com que as crianças participem ativamente das aulas.

Segundo Halaban (2006); "brincar é essencial para a criança, pois é deste modo que ela descobre o mundo à sua volta e aprende a interagir com ele".

De acordo com Cunha (2001), "O Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer".

Ao se trabalhar de forma lúdica, a matemática, fará com que a criança tenha uma boa aprendizagem, pois os jogos auxiliam na formação de atitude, como enfrentar desafios, buscar soluções, desenvolver críticas, criação de estratégias e da possibilidade de alterar as brincadeiras quando o resultado não for satisfatório.

Conforme Montessori (1965), "trabalhar com os jogos nos anos iniciais, é uma técnica que facilita o desenvolvimento dos alunos. Com a utilização de jogos no ensino de matemática, o professor tem possibilidades de oferecer várias opções para desenvolver as capacidades dos educandos em cada fase em que se encontram. Utilizar jogos de forma coerente com os objetivos a serem alcançados, explorando a ludicidade, é uma maneira inteligente e criativa de promover a superação de obstáculos no ensino de matemática".

Ensinar matemática por meio de jogos pode transformar as atividades matemáticas que, às vezes, são geradoras de sofrimento para muitos educandos em fonte de satisfação, motivação e interação social.

É importante que o professor se utilize desses recursos pedagógicos para facilitar o ensino de matemática no ensino fundamental. De acordo com Kishimoto (2000, p. 122) "A capacidade lúdica do professor é um processo que precisa ser pacientemente trabalhada. Ela não é imediatamente alcançada. O professor que, não gostando de brincar, esforça-se por fazê-lo, normalmente assume postura artificial facilmente identificada pelos alunos".

Para Kishimoto (2007), "os jogos estão vinculados no pensamento de cada criança mesmo que ela ainda não os conheça, porque a mesma cria suas próprias fantasias através de brinquedos ligados ao seu cotidiano familiar".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A matemática está em todos os lugares, por isso o professor pode explorar os problemas do cotidiano para fazer cálculos com as crianças, por exemplo organizar filas, usar medida de tempo com relógio e ampulhetas, explorar o calendário, contar o número de colegas, repartir o número de brinquedos igualmente. Essas situações acontecem diariamente e podem e devem ser exploradas, pelo professor, intencionalmente.

Nesses tempos atuais a sociedade exige dos profissionais da educação:

> [...] o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comportamentais, tais como análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de respostas e criatividade em face de situações desconhecidas, comunicação clara e precisa, interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade para trabalhar em grupo, gerenciar processos, eleger prioridades, criticar respostas, avaliar procedimentos, resistir a pressões, enfrentar mudanças permanentes, aliar raciocínio lógico-formal à intuição criadora, estudar continuamente [...] (KUENZER, 1999, p. 7).

Em pleno século XXI, cabe a escola formar homens e mulheres ativos, que exerçam sua cidadania de forma crítica e consciente, ou seja, precisamos encarar o desafio de formar indivíduos "vivos, inquietos e participantes; com um professor que não tema suas próprias dúvidas; e com uma escola aberta, viva, posta no mundo". (Marchand, 1985, p.5).

Ser professor é desafiador, e os profissionais deste ofício devem enxergar-se como pessoas essenciais na formação da criança, empenhando-se para dar subsídios cognitivos e emocionais aos estudantes, a fim de torná-los capazes de progredir nos estudos e consequentemente na sociedade.

Portanto, para cumprir o seu papel os professores têm grandes desafios e barreiras a serem derrubadas, pois enfrentam salas superlotadas, pouco apoio por parte das entidades governamentais e/ou da própria instituição, baixos salários, entre outros entraves que os desestimulam a continuar na profissão.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Confrontos na sala de aula. Uma leitura institucional da relação professor aluno. São Paulo: Summus, 1996.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Matemática/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 2001.

BRASIL. RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, 1998.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. Brinquedo, desafio e descoberta para utilização e confecção de brinquedos. Rio de Janeiro: Fae, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessário a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALABAN, Sérgio; ZATZ, André e ZATZ, Sílva. Brinca Comigo! Ed. Marco Zero: 2006

KISHIMOTO, T. Morchida. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. 14. Ed.

Petrópolis, RJ, 2007.

KOSLOSKI, Deisi V. S.; ANSAI, Rosana Beatriz. Afetividade no cotidiano escolar. 2008. 107 f. p. 06-18. 8° Encontro de Iniciação Científica. 8° Mostra de Pósgraduação. Disponível em http://interacao.info/diversos/Marcia/2013%20%201%20semestre/ARTIGOS-PEDAGOGIA.pdf. Acesso em 25. fev. 2022.

KUENZER, A. Z. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrante. Educação e Sociedade. Campinas, v.20, n.68, dez. 1999.

LORENZATO, S. Educação Infantil e percepção matemática. Campinas: Autores Associados, 2008.

MARCHAND, M. A Afetividade do Educador. Ed. Summus, São Paulo, 1985

MIRANDA, Elis D. Soares. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade. 2008. 107 f. p. 01-06. 8° Encontro de Iniciação Científica. 8° Mostra de Pós-graduação. Disponível em: http:// interação.info/ diversos/ Marcia/ 2013%20%201%20 semestre / ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf. Acesso em 20. mar. 2022.

MONTESSORI, Maria. Disponível em:< http://lereescrevercerto.blogspot.com/2009/05/5correntes-pedagogicasmontessori.html>. Acesso em: 29 de abril. 2022.

MORALES, Pedro. A relação professor--aluno. O que é, como se faz. São Paulo:

Loyola, 1998.

MOURA, F. Jogos e Modelagem na educação matemática. São Paulo: Saraiva, 2009.

MOURA, M. Matemática na infância. In: MIGUEIS, M. R.; AZEVEDO, M. G. (Org.).

Educação Matemática na infância: abordagens e desafios. Vila Nova de Gaia.

Gailivro, 2007.

RAASCH, Leida. A motivação do aluno para a aprendizagem. 16 folhas.

Faculdade Capixada de Nova Venécia. Nova Venécia. Disponível em:

http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Motivacao/motivacao%20do%20aluno.pdf . Acesso em 22.jan. 2022.

RUIZ, Adriano Rodrigues. A matemática, os matemáticos, as crianças e alguns sonhos educacionais. Ciência & Educação, v. 8, n. 2, p. 217-225, jun, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v8n2/06.pdf >. Acesso em:19 mar.de 2022.

SARMENTO, Nara Regina. Afetividade e aprendizagem. 2010. 34 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (TCC) – Pedagogia/ Licenciatura. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010.

Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle

/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1. Acesso em: 23 fev.2022.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. Afetividade no processo ensinoaprendizagem. Artigo. REI REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU. Vol. 9. Nº 20. Julho - Dezembro 2014. Semestral. Instituto de Desenvolvimento Educacional do

Alto Uruguai – IDEAU. Caxias do Sul, 2014. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf. Acesso em 04 mai. 2022.

SOLIGO, Rosaura. Dez importantes questões a considerar. Variáveis que interferem nos resultados do trabalho pedagógico. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Brasília, 2001.

VALENTE, José Armando. – O computador na sociedade do conhecimento.

Campinas, Unicamp, 1999.

VIRGULINO, Carina Silvana. O ensino da matemática na educação infantil. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/o-ensino--da-matematica-naeducacao-infantil/119953 .Acesso em: 14 abr. de 2022.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução: Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 1998.